

Duelo de economistas acaba em 0 a 0

JOYCE JANE E LÉA CRISTINA

Marcia Foletto

A política econômica brasileira pode acabar num divã, com crise de identidade. Quinta-feira passada, aproveitando as últimas declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso sobre o embate neoliberalismo x social-democracia, O GLOBO juntou em torno de uma mesa de restaurante dois economistas — representantes das duas correntes — para saber, afinal, que tipo de economia está sendo praticada por um presidente social-democrata (PSDB), aliado a bases políticas neoliberais (PFL). Foi um Deus-nos-acuda. Nenhum dos dois quis creditar à sua corrente de pensamento a paternidade das idéias econômicas do Governo. Pegou até mal...

Já de início, Sérgio Werlang, ex-Fundação Getúlio Vargas e atual diretor do Banco da Bahia, e Edward Amadeo, economista da PUC, mostram suas diferenças: o primeiro, liberal de carteirinha, pede um suculento filé mal-passado; o outro, um politicamente correto filé de linguado grelhado com arroz branco.

Amadeo, como seguindo a máxima que a melhor defesa é o ataque, sai na frente: acusa o Governo de ter um discurso 90% neoliberal e 10% social-democrata, mas uma prática em que as medidas sociais não passam de 5%. Amadeo é taxativo: a política econômica segue a cartilha neoliberal. Werlang discorda no ato: acusa a equipe econômica de ser ultra-intervencionista — na manutenção do controle sobre o câmbio e na nova legislação dos fundos de investimento, por exemplo — e, como tal, social-democrata.

Werlang fica vermelho, a conversa esquenta. Sorte que aparece o garçon servindo salsichas — atacadas por Werlang — e bolinhos de bacalhau — preferidos por Amadeo. Mal o garçon se afasta e Amadeo volta à carga:

— Não se pode confundir social-democracia com intervencionismo. Em geral, os social-de-



O social-democrata Edward Amadeo, à esquerda, confronta o liberal Sérgio Werlang: ao fim, cada um acabou atribuindo ao Governo a posição do outro

mocratas são mais intervencionistas, mas nem tanto! Essas medidas que você citou nada têm a ver com a social-democracia.

— Muito menos com o liberalismo — reage Werlang.

Pausa para a confraternização. Amadeo pede mais um pouco de Coca-Cola, enquanto Werlang reforça seu copo de suco de tomate. Amadeo se recompõe:

— Não somos puristas. Como pessoas inteligentes, somos pragmáticos.

Os dois se juntam num ataque à política econômica. Reclamam do casuismo das decisões, princi-

“ O Governo é liberal no seu pior sentido ”

Edward Amadeo

palmente na área externa. Concordam que o Governo errou a mão no câmbio, mantendo o real muito valorizado. A consequência não é social-democracia nem liberalismo: restringir a entrada de bens duráveis foi, na opinião

“ Um liberal deixaria o câmbio livre ”

Sérgio Werlang

deles, desespero mesmo.

O GLOBO tenta saber afinal, que tipo de economia é essa, aparentemente sem pai nem mãe. É Amadeo quem responde:

— É o modelo americano, em que você não cria interlocutores:

temos os cidadãos de um lado, o Governo do outro e nada no meio. É o neoliberalismo na cabeça da equipe.

Werlang reage:

— Gostaria muito que estivesse na cabeça deles, mas não está. Um liberal deixaria o câmbio livre, para subir.

— Subir como, com os juros altos como estão?

— Estou me referindo ao início do plano — recua Werlang.

O assunto passa às diferenças de pensamento dos integrantes da equipe econômica. Amadeo e Werlang concordam de novo: o

ministro José Serra é um social-democrata. Só que o que para um é qualidade, para o outro é defeito. Amadeo fala primeiro:

— O ministro acredita no que está fazendo. Ele não está cedendo a grupo nenhum, ele está querendo ter um diagnóstico mais cuidadoso sobre o que está acontecendo. Era preciso abrir a economia, mas o problema é que fizeram isso muito rápido.

Werlang não perde tempo:

— Se o Serra é social-democrata e o pessoal da Fazenda concorda com ele, então a política é social-democrata — vinga-se.

Amadeo não aceita a provocação e começa a falar de seu temor de que a política econômica acabe liquidando alguns setores industriais. Mas é interrompido pelo garçon, dessa vez trazendo o carrinho de sobremesa. A diferença se faz de novo presente: Amadeo escolhe uma fatia de torta de maracujá e Werlang, de regime, pede uma nêspera. Como se percebesse a vantagem do esbelto oponente, olha com olhos de de criança para o doce do colega e ataca:

— Não há ser humano inteligente o suficiente para fazer essa conta e dizer: esse setor aqui está bem ou mal. Se, por exemplo, a indústria de calçados brasileira não é eficiente, prefiro deixar que o mercado resolva...

— E a China é supereficiente, Werlang? Pois é a China, com seus salários irrisórios, que está destruindo a indústria de calçados nacional — rebate Amadeo.

Começa então uma choradeira generalizada. Werlang reclama da lentidão da privatização e as restrições às importações — grandes entraves ao liberalismo. Amadeo reclama da falta de políticas sociais. Acha que o Governo é liberal no seu pior sentido: age sozinho, sem ouvir camada alguma da sociedade. Chega o café, a conta e o fim de conversa. E o que se conclui é que não há modelos simples, muito menos respostas exatas.